



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
CAMPUS DE JUAZEIRO DO NORTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

AMANDA SHOFIA ALVES BATISTA BRAGA

QUEM EXPLICA A MATERNIDADE?
UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A EXPECTATIVA, REALIDADE E VIDA PARA ALÉM
DO MATERNAR

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2026

AMANDA SHOFIA ALVES BATISTA BRAGA

QUEM EXPLICA A MATERNIDADE?
UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A EXPECTATIVA, REALIDADE E VIDA PARA ALÉM
DO MATERNAR

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
jornalismo do Campus de Juazeiro do Norte
da Universidade Federal do Cariri, como
requisito parcial à obtenção do grau de
bacharel em jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Ligia Coeli Silva
Rodrigues.

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

B813q Braga, Amanda Shofia Alves Batista.

Quem explica a maternidade? Expectativa, realidade e a vida para além do
maternar / Amanda Shofia Alves Batista Braga. – 2026.
57 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Instituto Interdisciplinar
de Sociedade, Cultura e Artes, Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Cariri,
Juazeiro do Norte, CE, 2026.

Orientadora: Profa. Dra. Ligia Coeli Silva Rodrigues.

1. Jornalismo. 2. Documentário - Produção. 3. Maternidade e trabalho. 4. Narrativa
audiovisual. 5. Mulheres - Condições sociais. I. Rodrigues, Ligia Coeli Silva (Orient.).
II. Gomes, Allison José Soares (Coorient.). III. Universidade Federal do Cariri.
IV. Título.

CDD 070.18

AMANDA SHOFIA ALVES BATISTA BRAGA

QUEM EXPLICA A MATERNIDADE?
EXPECTATIVA, REALIDADE E A VIDA PARA ALÉM DO MATERNAR

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
em jornalismo do Campus de Juazeiro
do Norte da Universidade Federal do
Cariri, como requisito parcial à
obtenção do grau de bacharel em
jornalismo.

Aprovada em 30/03/2026

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ligia Coeli Silva Rodrigues (Orientadora)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Allison José Soares Gomes (coorientador)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Profa. Dra. Elane Abreu de Oliveira
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Prof. Me. José Jullian Gomes de Souza
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE SOCIEDADE CULTURA E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

Ata de sessão de apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso

Às 14 horas do trigésimo dia do mês de março do ano de dois mil e vinte e seis, reuniuse no Laboratório de Telejornalismo do Campus da UFCA em Juazeiro do Norte, a banca examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: QUEM EXPLICA A MATERNIDADE? EXPECTATIVA, REALIDADE E A VIDA PARA ALÉM DO MATERNAR da estudante AMANDA SHOFIA ALVES BATISTA BRAGA. A banca foi composta por: Profa. Dra. Ligia Coeli Silva Rodrigues (orientadora/presidente), Profa. Dra. Elane Abreu de Oliveira (membro), Prof. Me. José Jullian Souza; o graduado e Técnico do Lab. de Telejornalismo, Allison José Soares Gomes (coorientador). A sessão foi aberta pela presidenta que apresentou os outros membros da banca e passou a palavra à candidata. Após a exposição do trabalho, seguiu-se o processo de arguição e comentários. Em seguida, a banca examinadora se reuniu, reservadamente, a fim de avaliar o desempenho da candidata. Após esta reunião, a Presidenta apresentou o resultado da avaliação final, declarando o trabalho de conclusão de curso **aprovado com distinção () / aprovado (X) / reprovado ()**. Nada mais havendo a relatar, a sessão foi encerrada e eu, Profa. Ligia Coeli Silva Rodrigues, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada por mim e pelos demais membros da banca examinadora.

Juazeiro do Norte, 30 de março de 2026.

Profa. Dra. Ligia Coeli Silva Rodrigues (Orientadora)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Allison José Soares Gomes (coorientador)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Profa. Dra. Elane Abreu de Oliveira
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Prof. Me. José Jullian Gomes de Souza
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

AGRADECIMENTOS

Meus primeiros agradecimentos dedico aos meus amados pais, Eduilson Batista Braga e Lidiane Alves Moreira, pois em incontáveis circunstâncias difíceis impostas pelo destino, nunca hesitaram um dia em lutar para me dar acesso ao melhor que a vida pode oferecer, especialmente à educação. Ao meu querido tio Wilson Melo, agradeço por todo o apoio e suporte durante todo o curso. Esta é uma dívida que nunca conseguirei pagar e, por isso, dedico-lhe toda a minha gratidão. É tão certo quanto o meu amor pela minha profissão o fato de que nada disso seria possível sem o apoio incondicional de meu companheiro, Luis Felipe Pereira Garcia, que foi e é minha principal fonte de energia. Obrigada, meu grande amor.

Entre os agradecimentos, gostaria de destacar minha sincera gratidão a todos os meus familiares e parentes que me apoiaram de inúmeras formas. A fé de vocês muitas vezes me deu a oportunidade de vencer, viver e conhecer coisas novas por meio do aprendizado. Por isso, muito obrigada. Amo vocês! Em minha trajetória durante os quase cinco anos de curso, também conheci pessoas extraordinárias, que transformaram meus piores dias em momentos felizes e minhas dores mais profundas em dores toleráveis.

Agradeço profundamente a meus queridos amigos Gabriel Silva, Jamille Pinheiro, Sebastião Arrais, Ítalo Pedrosa, Anna Júlia Ferreira, Eugênio Silva, Renato Mendes e Fabrício Ferreira. É claro que cada um seguirá seu caminho, e o tempo pode transformar em ausência e lembranças tudo aquilo que um dia vivemos, mas espero que saibam que, independentemente de onde estiverem ou de quanto tempo passe, estarei sempre torcendo pela felicidade e pelo sucesso de vocês. Obrigada a todos os outros colegas de classe que tornaram minhas noites de aulas entediantes bem mais interessantes e divertidas.

Dedico esta conquista às duas mulheres que representam tudo o que há em mim. Em memória de minha querida avó, Cleonice Moreira de Melo, que infelizmente não está aqui para enxergar o fruto de todo amor e dos conselhos que ela me deu. Se hoje sou uma boa mulher, devo isso ao seu exemplo e às suas doces palavras. E em homenagem à minha querida filha, que me fez entender o que, de fato, é importante, e principalmente, o que é o verdadeiro amor.

Por fim, expresso meus sinceros agradecimentos à minha orientadora, Lígia Coeli, e ao meu coorientador e editor, Allison Gomes. Ambos foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho, contribuindo de forma significativa em todas as etapas do processo.

RESUMO

O documentário “Quem explica a maternidade? Expectativa, realidade e a vida para além do materno” (2026) aborda as relações entre maternidade e trabalho a partir da construção de um documentário que explora narrativas pessoais de mulheres sobre suas experiências maternas e profissionais. A pesquisa parte da compreensão de que a maternidade, historicamente associada a papéis sociais específicos atribuídos às mulheres, atravessa diferentes dimensões da vida, incluindo as trajetórias de trabalho e as formas de produção narrativa no campo do jornalismo e do audiovisual. Para a realização da pesquisa que dá suporte ao roteiro, foi adotada uma abordagem qualitativa, articulando investigação teórica e prática audiovisual, com uma sequência de entrevistas com cinco mães e mulheres. Além disso, são apresentadas as etapas de desenvolvimento do documentário, os desafios e o relato das experiências que envolvem a elaboração desse tipo de produto. Por fim, o documentário apresenta a relevância social dos temas e questões abordadas e traz visibilidade a história de personagens da vida real.

Palavras-chave: documentário; maternidade; entrevista, mãe, mulheres.

ABSTRACT

The documentary “*Quem Explica a Maternidade? Expectativa, Realidade e a Vida para Além do Maternar*” (2026) addresses the relationship between motherhood and work through the production of a documentary that explores women’s personal narratives about their maternal and professional experiences. The research is based on the understanding that motherhood, historically associated with specific social roles assigned to women, permeates different dimensions of life, including career trajectories and forms of narrative production in journalism and audiovisual media. To conduct the research supporting the screenplay, a qualitative approach was adopted, combining theoretical investigation and audiovisual practice, along with a series of interviews with five mothers and women. In addition, the study presents the stages of the documentary’s development, the challenges encountered, and an account of the experiences involved in creating this type of production. Finally, the documentary highlights the social relevance of the themes and issues addressed, while giving visibility to the stories of real-life characters.

Keywords: documentary; motherhood; interview; mother; women.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagem com ângulo em primeiro plano que destaca detalhes da personagem	6
Figura 2 – Print de imagem íntima publicada nas redes sociais	7
Figura 3 – Riscos da exposição de uma “maternidade real”	8
Figura 4 – Arquivos pessoais	8
Figura 5 – Dados apresentados em documentário	10
Figura 6 – Fonte entrevistada de perfil	10
Figura 7 – Orientação de TCC na UFCA em 18/12/2025	18
Figura 8 – Print do primeiro contato online com a Raíssa em 06/01/2026	19
Figura 9 – Registro feito no hospital durante a internação da Lua em 12/01/2026	20
Figura 10 – Primeiras perguntas elaboradas para entrevistas em 19/01/2026	21
Figura 11 – Fotografia feita após a entrevista com Stephanie Araújo em 22/01/2026	22
Figura 12 – Encontro da Valéria Alves após a entrevista em 29/01/2026	23
Figura 13 – Entrevista por videoconferência via Google Meet em 30/01/2026	24
Figura 14 – Registro feito durante o plantão de trabalho extra em 31/01/2026	25
Figura 15 – Registro feito no Iguatu durante entrevista com 3º fonte em 01/02/2026	26
Figura 16 – Print de um Story de Lua e eu na rodoviária de Iguatu em 01/02/2026	26
Figura 17 – Entrevista com Stephanie Araújo na quarta-feira de cinzas em 18/02/26	27
Figura 18 – Pós entrevista colhendo os frutos no sítio da 4º fonte em 18/02/26	28
Figura 19 – Helena na Praça da Sé, no Crato, em 19/02/2026	29
Figura 20 – Primeiro dia de edição do documentário em 20/02/2026	30

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. MATERNIDADE, JORNALISMO E TRABALHO	2
2.1 Relação entre mulher e maternidade	4
2.2 Documentários referenciais: das narrativas de si	5
3. METODOLOGIA: ETAPAS DE REALIZAÇÃO	14
3.1 Pesquisa	14
3.2 Pré-produção	15
3.3 Produção	16
3.4 Pós-produção	17
4. DIÁRIO DE CAMPO	17
4.1 Atividades desenvolvidas	18
4.2 Mudanças no roteiro	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
6. REFERÊNCIAS	34
APÊNDICE A – Primeira versão do roteiro do filme	35
APÊNDICE B – Roteiro aprovado	39
APÊNDICE C – Exemplo de modelo de decupagem	47

1. INTRODUÇÃO

Cada mulher traz consigo uma história, escrita por meio de experiências vividas, escolhas tomadas e desafios superados. No entanto, existe uma fase de transição para a qual poucas mulheres estão realmente preparadas. Ela chega de forma sutil e em muitos momentos, torna-se uma das experiências mais assustadoras e, ao mesmo tempo, mais gratificantes que uma mulher pode viver: a maternidade. Compreendida numa lógica patriarcal como uma “função” da mulher, não é de se estranhar que ao falar das frustrações em relação à maternidade, muitas mães enfrentam tabus, silenciamentos, além da rotineira pressão social (Witzel, 2025). Este trabalho busca apresentar cinco histórias, com partes da vida de cinco mulheres que tiveram suas narrativas e dias atuais moldados pela maternidade. Além disso, também serão exploradas as diferenças que surgem em consequência dos distintos cenários em que vivem as protagonistas, bem como as semelhanças que existem devido à experiência que as une, independentemente da realidade em que estão inseridas.

A metodologia escolhida para este trabalho consiste na produção de um documentário com recortes da vida e opinião de cinco personagens. Histórias narradas pelas próprias protagonistas de cada enredo, contadas durante uma conversa gravada. A apuração de dados ocorre ao longo da identificação dos grupos aos quais cada mulher/mãe pertence. Entre os principais objetivos deste trabalho, destaco dois: representar as diferentes realidades vivenciadas por mães/mulheres e homenagear. Assim como as personagens retratadas, existem muitas outras mulheres e mães espalhadas pelo mundo, com histórias e sentimentos semelhantes aos apresentados neste trabalho. O trabalho desenvolveu um produto que transmite a mensagem de que elas não estão sozinhas e de que, de alguma forma, tudo vai dar certo. Além disso, busca-se homenagear cada mulher que dedicou parte de sua vida aos cuidados com outra vida, assim como eu, as personagens do documentário, algumas mulheres que o assistirão e tantas outras.

A pesquisa feita por Witzel (2025) mostra um interessante exercício ao buscar a palavra “maternidade” no *Google*. Ela elenca expressões encontradas e assimiladas à maternidade, a exemplo de: “ser mãe é padecer no paraíso”; “a maternidade está próxima da divindade. É o serviço mais elevado e sagrado a ser assumido pela humanidade”, ou seja: concepções altamente romantizadas da maternidade. Na busca de uma explicação, da razão ou motivos que nos trouxeram até aqui, é impossível não chegar ao sistema misógino em que vivemos. Durante minha gestação, não entendia o porquê de tantas funções que são direcionadas às mulheres, desde tão cedo. Aos três anos, os presentes que eu ganhava eram,

na maioria, um prelúdio do que muitas meninas aprenderiam a ter e fazer: uma vassoura de brinquedo, panelas, laços e roupas. O compromisso obrigatório para ser aceito em um sistema patriarcal gira em torno do serviço e da estética: serviços invisibilizados, pelos quais não somos remuneradas, muito menos reconhecidas, e uma estética que devemos ter para sermos consideradas “boas mulheres”, “mulheres ideais”.

Ao ler os escritos de Federici (2017), refleti sobre o quanto é estranho pensar que a economia acontece, o mundo se desenvolve e a humanidade evolui através dos sacrifícios e trabalhos femininos. Desde o parto que traz ao mundo um novo contribuinte para o capitalismo, à adolescência que a mulher dedica à criação e ensino de seu filho que se prepara para crescer, até a fase adulta, em que é iniciado um ciclo de observação, os anos passaram, e metade da sua vida (ou mais) foi dedicada ao desenvolvimento de um ser que trabalhará para perpetuar esse processo. Apesar de ser um comparativo forte, não enxergo com estranheza esse exemplo quando comparado à rotina de um animal que vive uma vida de exploração.

Às vezes penso que a exploração sob os trabalhos da mulher são muito superiores. Estamos refletindo não só sobre uma década, mas em relação a séculos em que personagens femininas não puderam ser protagonistas de sua própria história, mas foram as responsáveis por colheitas, produções, criações e responsabilidades de uma família inteira sob seu corpo, seu corpo que nunca lhe pertenceu. Foram esses incômodos e dúvidas que me motivaram a realizar esse documentário, que embora não consiga trazer uma resposta fechada sobre o que é a maternidade, mas que levantam reflexões sobre os tipos de maternidade possíveis.

2. MATERNIDADE, JORNALISMO E TRABALHO

Antes de explorar o ponto central de conexão entre a maternidade, o jornalismo e o trabalho, é fundamental entender como cada âmbito e fase da vida, especificamente de uma mulher, surge, e de que forma determinados fatos podem causar interferências em suas vidas. Na maternidade, surgem incontáveis motivos que transformam a experiência do “ser mãe” em algo, muitas vezes, torturante. A sobrecarga de demandas, obrigações diárias para com os filhos, companheiro(a), casa, estudo e trabalho - esses dois últimos não são maioria na vida das mulheres -, entre muitas outras necessidades que giram em torno da vida da mulher, mas nunca uma necessidade realmente dela.

A sensação é de que essa etapa da vida lhe proporciona uma tripla, quádrupla ou até quádrupla jornada diária, um dia que parece não ter fim. Quando mulheres que vivem em realidades como essas fazem parte do mercado de trabalho, lidam com limitações em meio ao trajeto. O Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (2025) indica que a dupla jornada de trabalho dificulta a ascensão e permanência da mulher no emprego. O relatório apontou ainda que há um padrão na ocupação de atividades das mulheres, que atuam essencialmente em áreas como educação, saúde, serviços sociais, serviços domésticos. Uma perspectiva complementar às ideias apresentadas sobre os desafios da maternidade é quando ela se conecta de alguma forma ao mercado de trabalho através do jornalismo como profissão de atuação cotidiana.

A rotina exigida pela área já é bastante desafiadora por si só, levando em consideração a factualidade, rapidez e imprevisibilidade que é comum em um ambiente em que apurar notícias deve ser tão fluido como respirar. Seja na assessoria, no jornal impresso, no telejornalismo, no desenvolvimento de sites e blogs informativos, as exigências estão sempre um passo à frente quando se trata de uma mulher, desde a atuação e cumprimento de demandas, até a pura estética, que surge muitas vezes de um estereótipo de como uma mulher deve se vestir, agir e se comportar. Além disso, fatores como a cidadania, gênero, faixa etária, etnia, religiosidade, dependência de familiares, entre muitas outras questões, são decisivas, na hora de encontrar uma oportunidade. Embora as conquistas femininas no mundo do trabalho se justificaram em grande parte pelas necessidades de sobrevivência e pelas mudanças nas instituições secundares, como a família, ainda hoje as mulheres sofrem com relações tensas no trabalho e discriminação de gênero, conforme apontam pesquisas da Organização Internacional do Trabalho (OIT), de 2016 e 2017” (Santos; Temer, 2018, p. 14).

O preconceito sofrido por uma mulher apenas por ser mulher no mercado de trabalho escancara que “A discriminação sofrida pelas mulheres em atuação no jornalismo não se limita às disparidades salariais e às dificuldades de ascensão e/ou ocupação de postos mais cobiçados” (Temer; Moraes, 2018). Por fim, o trabalho de uma mulher jornalista é a soma de ambos os temas abordados até aqui. Em muitos casos, a profissional vai muito além do objeto de estudo, alguém que vive as dificuldades e singularidades pontuadas, mas existem também cenários em que a além do viver, ela também tem o poder de observar, orientar e até apresentar ao mundo casos como esses, só que vivenciado por outras mulheres. No segundo trimestre de 2025, a taxa de desemprego entre as mulheres no Brasil foi de 6,9%. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), mostra que o desemprego feminino é superior ao masculino: A taxa de desemprego para os homens no mesmo período foi de 4,8%. Isso significa que a taxa de desocupação entre as mulheres é consideravelmente maior do que entre os homens.

São muitos os fatores que contribuem para que as mulheres tenham piores indicadores de desemprego e maior precarização do trabalho no Brasil. A falta de rede de apoio familiar é uma outra problemática que atinge grande parte das mães/mulheres/jornalistas/trabalhadoras. De acordo com dados preliminares do Censo Demográfico 2022 do IBGE, cerca de 7,8 milhões de mulheres no Brasil criam seus filhos sozinhas. Um dado que representa seis mães solo para cada um pai solo. Um reflexo do aumento dessa situação nas últimas duas décadas, com a representação de dados desatualizados há cerca de três anos, período em que vários fatores podem ter contribuído para o crescimento desse número. A jornalista pode atuar com um olhar mais criterioso, questionador, com sororidade e empatia. Assim, o impacto de atuar como uma intermediadora da transformação de vida da realidade de uma mulher, mãe e profissional, vem não só como uma “demanda cumprida”, mas como uma continuidade ao trabalho de liberdade feminina.

2.1 Relação entre mulher e maternidade

A relação entre a mulher e a maternidade é identificada através das características de multipluralidade de papéis que ambas exercem na sociedade. Conforme o desenvolvimento de cada uma, existem critérios sociais pré-estabelecidos para que assumam suas posições de forma plena. Entretanto, essa associação entre feminilidade e maternidade nem sempre reflete a complexidade da experiência feminina. Muitas vezes, a sociedade impõe à mulher expectativas que a colocam como naturalmente inclinada ao cuidado, ao sacrifício e à

responsabilidade familiar, reforçando padrões que podem limitar sua autonomia. A maternidade se torna não só uma vivência biológica ou afetiva, mas também um papel social construído, carregado de significados culturais que mudam conforme o tempo e o contexto social. Assim, “A mulher não é feita, ela é feita pelo meio” (Beauvoir, 1949, p. 301), não existindo uma palavra, forma ou designação capaz de generalizar ou até mesmo limitar a mulher. Existe, apenas, a indução sob às ações femininas que repetem um ciclo imposto há centenas de anos para beneficiar os homens. Segundo Federici (2017, p.34), a “feminilidade” foi construída como uma função-trabalho que oculta a produção da força de trabalho sob o disfarce de um destino biológico.

De repente, todo o ódio sentido por muitas apenas por “ser mulher”, nunca foi pelo “ser mulher”, mas sim estar no grupo, no gênero, que é tratado de determinada forma — cenário que não parece estar apto a mudar tão cedo. Os escritos de Erivana Darc (2023) dialogam diretamente com a temática que desejo abordar. Quando ela menciona que “[...] o tempo a todo momento está passando. Amanhã, podemos já não estar presentes quando defendidas... mas, temos que sermos sentidas” (Darc, 2023, p.05), me levou a refletir sobre essa questão da maternidade. Independente do amanhã, a maternidade nos recorda diariamente a importância de sermos nossas melhores versões hoje, dentro da realidade de cada mulher-mãe.

Nem sempre o nosso melhor é como idealizamos, mas tudo o que é feito por uma mãe é genuíno, simplesmente por existir. Também trago as reflexões de Sibilia (2016) sobre o impacto gerado pela exposição de temas, histórias e personagens nas mídias sociais. Uma verdadeira faca de dois gumes: a repercussão pode ser negativa, como ocorre na maioria dos casos, quando pessoas se expõem em busca de visibilidade e reconhecimento, tentando alcançar objetivos pessoais ou profissionais. No entanto, o efeito oposto também é possível, e é exatamente esse o caminho que o documentário pretende trilhar: o de provocar uma repercussão não apenas positiva, mas necessária. Uma exposição capaz de representar e dar voz a inúmeros grupos de mulheres que possam se reconhecer nas histórias, nas realidades e nos sentimentos apresentados.

Assim, surge uma protagonista da vida real, uma mulher cuja vivência se transforma em símbolo de força, identificação e inspiração para tantas outras. Em relação ao documentário, com a obra de Mello (2017) fiquei surpresa ao perceber algumas semelhanças entre as discussões e determinados trechos do discurso da autora e os meus. Não se trata do feto, do bebê ou da criança, mas de uma vida completamente nova, muitas vezes esmagadoramente difícil, vivida a partir da maternidade.

2.2 Documentários referenciais: das narrativas de si

O documentário “Odeio a maternidade, amo meu filho”¹ (2017), apresentado como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Estadual Paulista (UNESP) por Carol Balduci, aborda um comparativo feito por mães, entre como a maternidade é vista pela sociedade e como ela realmente é experienciada pelas mulheres que vivem nela. Um registro documentado com falas sobre maternidade da perspectiva da mulher, além do outro, da criança, de relações amorosas ou da sociedade. Com a participação de alguns de seus companheiros, as mulheres falam sobre como é brusca a mudança de hábitos, rotina e responsabilidades, após a chegada de um filho. Uma mudança que, em muitos dos casos, acontece de forma violenta devido a desigualdade que é mal distribuída entre os gêneros.

Entre os aspectos que mais me chamam a atenção, destaco a sinceridade dos depoimentos, cada discurso apresentado ao longo do trabalho surge através de experiências reais, vividas pelas mulheres diariamente. A forma de gravação não foi apresentada na descrição dos vídeos, porém, em todos os cenários de filmagem, a fonte parece estar um ambiente que se sente confortável e segura para expor seu olhar sobre os assuntos discutidos.

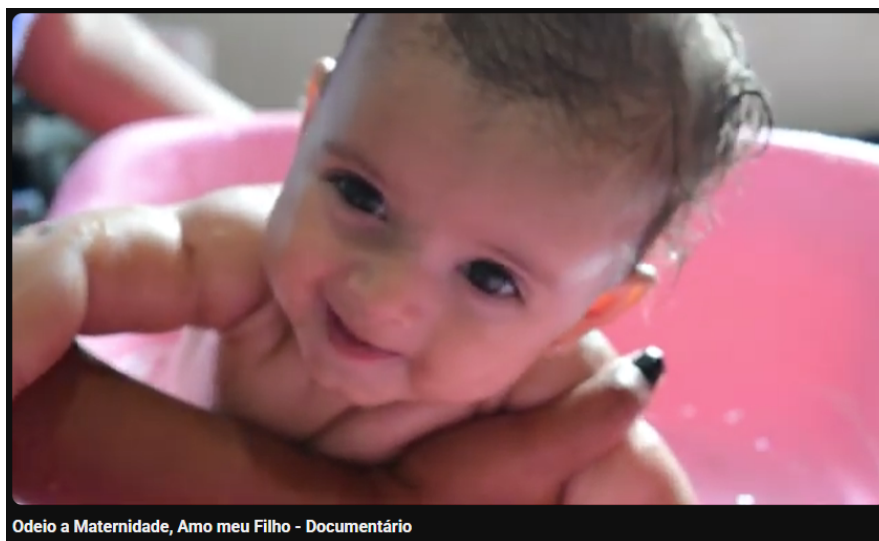


Figura 1 – Imagem com ângulo em primeiro plano que destaca detalhes da personagem

Fonte: Carol Balduci (2017)

Como pode ser visto na Imagem 01, alguns dos enquadramentos do documentário se caracterizam por um primeiro plano, estilo close-up, ângulos que focam no rosto dos personagens, com espaço maior para a captação das emoções através das expressões

¹ Disponível em: <https://youtu.be/KtjN3DHFxvs?si=pETYwz21rI6rtDfR>

destacadas. As imagens mais emocionantes se caracterizam dessa forma - muitas delas são registros guardados -, enquanto o ângulo escolhido para apresentar os entrevistados é o plano médio.

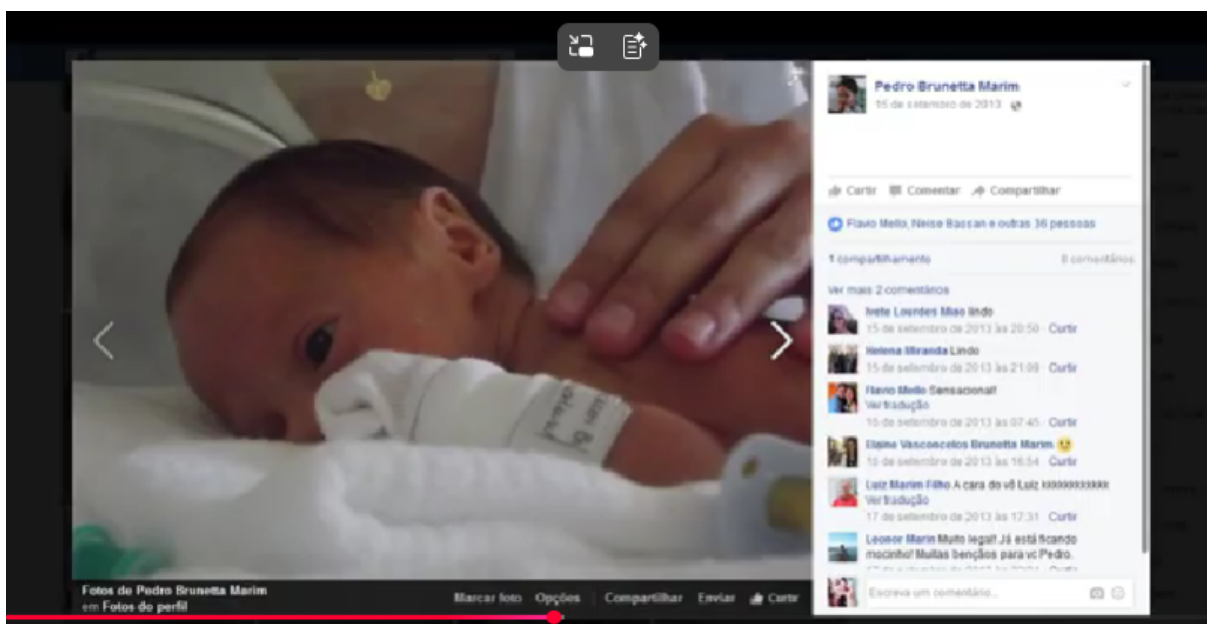


Figura 2 – Print de imagem íntima publicada nas redes sociais

Fonte: Carol Balduci (2017)

Conforme o exemplo apresentado nas Imagens 02 e 03, o documentário apresenta uma característica específica que é capaz de não só de comover, mas envolver quem está do outro lado da tela. A exibição de imagens, registros pessoais de arquivos das fontes escolhidas, fazem com que todas as histórias narradas não fiquem apenas no imaginário, mas que sejam de alguma forma, enxergadas em cores e formas fieis à vida real. Apesar da presença de momentos pessoais através dessas imagens, não existe nenhum tipo de exposição negativa. O que acontece é o oposto disso. Com um cuidado atencioso sobre em qual momento de fala os registros se encaixam, elas surgem como um complemento que agrega de inúmeras formas ao resultado final. Pretendo aplicar ambas as características apresentadas nas 3 primeiras imagens no meu trabalho de conclusão de curso.



Figura 3 – Riscos da exposição de uma “maternidade real”

Fonte: Carol Balduci (2017)

O documentário “Desafios ao conciliar maternidade e carreira” (2021), é construído com imagens feitas por um telefone celular, a produção e edição foram realizadas por uma estudante chamada Ana Carolina Santos, o documentário foi apresentado na Disciplina de TCC do Curso de Jornalismo, do Centro Universitário Carioca. O documentário tem início com alguns segundos de sobe som e vídeos das fontes escolhidas com seus filhos em alguns segundos de descontração (imagem 4). Essa escolha de imagens para iniciar o trabalho permite um espaço de tempo confortável para que quem assiste entenda a ideia de que o amor maternal surge antes mesmo de enfatizar os desafios ou quaisquer contradições.

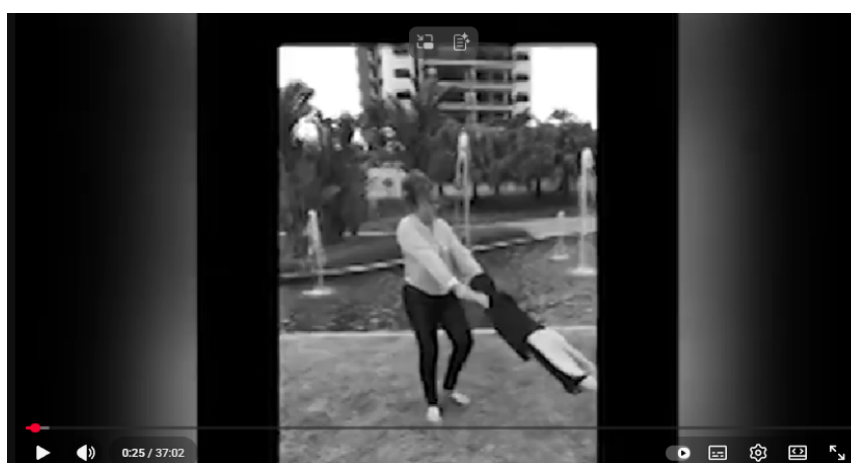


Figura 4 – Arquivos pessoais

Fonte: Ana Carolina Santos (2021)

Não há inserção de imagens ao lado do documentário, o que pode deixar um pouco cansativo os quase 40 minutos de vídeo. O plano escolhido para todas as gravações é o plano médio curto. Ele deixa a mostra parte dos ombros para cima, não havendo muitas mudanças no formato de imagem. Se mantém todo o trabalho com esse padrão escolhido. Porém, a diversidade de fontes enriquece o trabalho, com muitas realidades e histórias diferentes apresentadas. Assim, apesar das limitações técnicas, o documentário se destaca pelo compromisso com a representatividade e pela relevância social do tema, com uma perspectiva abrangente e humanizada sobre o desafio de conciliar maternidade e carreira no contexto contemporâneo.

As principais diferenças entre os filmes são a forma como o assunto é discutido ao longo dos trabalhos. O documentário “Odeio a maternidade, amo meu filho” mostra um ponto de vista principal sobre a forma como a sobrecarga inesperada após a maternidade transforma - na maioria dos casos, de uma forma negativa, a vida da mulher. São apresentadas falas não só de mulheres/mães, mas também de homens/pais. Eles falam sobre essa mudança não só na rotina de uma mulher, como também na do homem quando se torna pai. A crítica surge de um jeito discreto, porque enquanto os homens dizem que fazem muito e que também cansam e abdicam de coisas pela paternidade, as mulheres questionam o fato de que eles podem escolher se vão agir dessa forma, já elas, não tem essa opção.

Já o trabalho intitulado como “Desafios ao conciliar maternidade e carreira” é formado apenas por mulheres, de diferentes perfis. As histórias se unem e as ideias são complementadas, uma a uma, devido a semelhança dos desafios vivenciados em suas realidades. Em alguns trechos, são exibidas telas em destaque com dados importantes ligados à fala anterior de algumas fontes. Eles são inseridos como uma forma de comprovar com dados o que a experiência de vida das mulheres traz em situações e momentos que elas detalham ao longo do vídeo. Gosto da ideia de inserir algo semelhante em meu trabalho, porém, com uma atenção maior com a padronização de fonte, tamanho e cores. Caso exemplificado na Imagem 5.

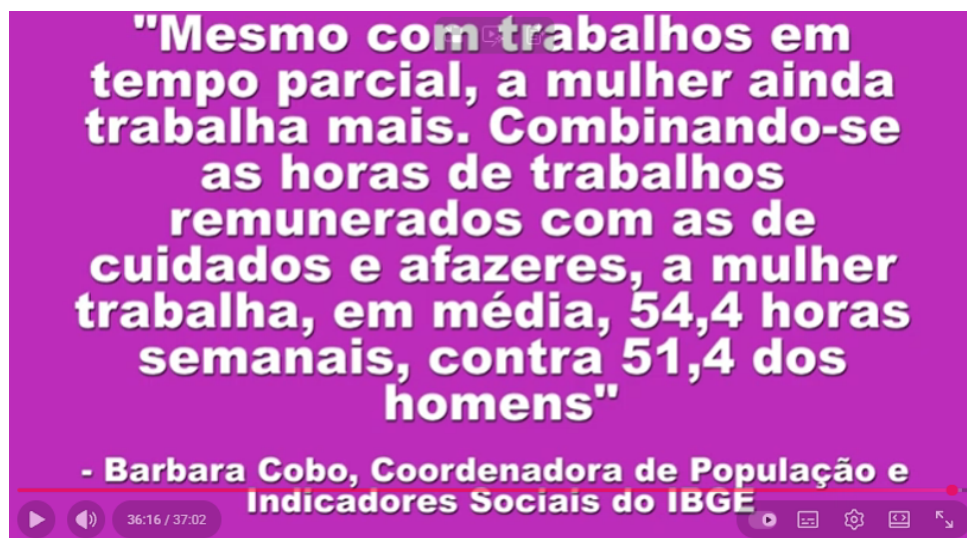


Figura 5 – Dados apresentados em documentário

Fonte: Ana Carolina Santos (2021)

Ainda sobre ângulos, um cuidado específico que pretendo ter durante as gravações e captações de imagens são com as mudanças de posições das fontes. Claramente, não pretendo controlar de alguma forma suas posições, mas acredito que são válidas algumas orientações e sugestões sobre como elas podem permanecer “visivelmente bem” diante da câmera e ainda assim, estar confortável. Esse incômodo e atenção maior surgiu após algumas cenas do documentário produzido por Ana Carolina Santos. Como a imagem exemplificada na imagem 6, devido a movimentação da fonte ao gesticular e falar, e a falta de movimentação e adaptação de câmera, em muitos momentos, é comum ver algumas fontes praticamente de perfil, o que dificulta a leitura da expressão, e consequentemente, a conexão de quem assiste com a ideia transmitida através do documentário.



Figura 6 – Fonte entrevistada de perfil

Fonte: Ana Carolina Santos (2021)

Destaco duas características que esses documentários têm em comum. A primeira, que serve como referência para o meu projeto, é que, em ambos os trabalhos citados, não há a presença de um narrador. As histórias se conectam por meio da escolha das respostas, criando relações entre ideias que se completam. Essa estratégia faz com que as personagens se tornem as verdadeiras protagonistas dos vídeos. Em meu trabalho, não consigo idealizar uma forma de explicar a vida e a história de uma mulher/mãe melhor do que ela mesma; assim, minhas palavras não se fazem obrigatoriamente necessárias. Talvez a ausência de um off abra espaço para que elas próprias mostrem como gostariam de se apresentar. As falas dos/as entrevistados/as se complementam, costurando a história sem a necessidade de uma voz externa em off, a narrativa se constrói a partir dos depoimentos. O recurso das fotografias funciona como suporte para as narrativas, reforçando a construção da memória ao longo do filme. Essas são algumas das suposições que pretendo testar durante o processo de gravação.

Outra característica comum a esses documentários, e que particularmente me chama a atenção, é o processo da escrita e da narrativa de si. A escolha do tema e do recorte para a produção do meu trabalho de conclusão de curso foi inteiramente pessoal. Ela surgiu a partir de uma indignação que sempre senti diante de mulheres que vivem vidas marcadas por frustrações decorrentes da maternidade. No entanto, apenas quando passei a vivenciar essa “pauta” e a me transformar na protagonista que idealizo para integrar este documentário, pude sentir um incômodo profundo o suficiente para compreender que era, de fato, sobre isso que eu desejava falar, questionar, apresentar e, principalmente, criar um espaço para que outras mulheres, como eu, também pudessem protagonizar suas próprias narrativas.

A grande questão é que, apesar do discurso do livre-arbítrio, a estrutura social pré-moldada orienta decisões desde a infância. Nunca ganhei uma boneca que não estivesse acompanhada de um namorado, marido ou companheiro. Em almoços de família, durante a adolescência, a pergunta mais recorrente era: “E os namoradinhos?”. O casamento surge, então, para a mulher como uma conquista, sendo o marido apresentado como premiação. Afinal, nada parece mais valorizado socialmente do que, enfim, ter alguém que queira tê-la ao seu lado para sempre, como um abajur bonito, que torna a casa mais confortável, especialmente à noite, ao lado da cama. Mas como falar sobre algo que nunca foi falado? Como adotar um modo de vida que nunca foi verdadeiramente validado?

Uma frase sem autoria declarada, que vi nas redes sociais e se adequa bem a essa ideia, diz o seguinte trecho: “Quando só existe uma escolha, não é opção, é condicionamento.” Ainda que não haja uma creditação de um autor, a frase perpetua a ideia de que muitas decisões são moldadas por circunstâncias, estruturas, pressões sociais e outros

fatores externos. “Dito de outro modo, as mulheres mães da atualidade são herdeiras de uma tradição secular que vê na maternidade o fundamento da identidade do ser feminino, mesmo quando não é vivido” (Perrot, 2007 *apud* Witzel, p.08, 2025).

E como poderia haver impessoalidade, neutralidade ou até imparcialidade, quando me sinto, pessoalmente, tão mobilizada e instigada a se envolver diretamente em todo e qualquer assunto ligado ao tema deste TCC? Acredito que a busca pela separação abrupta entre minhas narrativas pessoais e as que o documentário vai explorar não seria algo bom. Muito pelo contrário. O fato de haver uma proximidade indireta pode ser uma oportunidade de abrir espaço para um olhar mais empático. Não necessariamente, cada mulher vai ter algum tipo de semelhança, mas ainda assim, com as diferenças existentes, em algum momento, elas podem se encontrar e me encontrar em algum lugar de alegria, dor ou até de solidão.

De ambos os documentários, gostaria de extrair ideias que possam contribuir para o conceito idealizado para o meu trabalho final. O uso de trechos de áudio, a adição de imagens sensíveis e de registros familiares servem como elementos para abrir e encerrar o documentário. Parte da inspiração veio do minuto Lumière, que é um formato de produção audiovisual caracterizado por vídeos curtos, geralmente de até um minuto, que se concentram em capturar momentos ou ideias de forma atenciosa e impactante.

O nome faz referência aos irmãos Lumière, Augusto e Louis Lumière, pioneiros do cinema que, em 1895, projetaram os primeiros filmes cinematográficos conhecidos, como o famoso “A Chegada do Trem à Estação”, que durava cerca de 50 segundos. aparece na pausa das imagens, criando uma sensação de respiro e de contemplação da fotografia dos filmes. Gosto dessa ideia de apreciar detalhes que passariam normalmente despercebidos com a rotina levada pela maioria das pessoas hoje. Minha experiência com esse exercício do Minuto Lumière aconteceu durante a disciplina que participei, no laboratório de telejornalismo, ministrada pelo professor Rodrigo Capistrano na Universidade Federal do Cariri (UFCA). Durante esse período, não só assisti alguns documentários que seguiam esse fundamento como também pude produzir alguns. Ao todo, três documentários foram produzidos em equipes: O Reino da Glória, Tecendo Histórias e Vida sobre os Trilhos. Cada trabalho reuniu diversas técnicas apresentadas ao longo da disciplina, e as atividades foram divididas em grupos, porém, acabei me envolvendo na criação dos três.

O trabalho intitulado como “Vida sobre os Trilhos” foi produzido, gravado e editado apenas por dois estudantes, eu e Gabriel Silva. Nele, nós resolvemos brincar com o Minuto Lumière. É um trabalho que foi feito sem nenhuma grande pretensão, puramente para apreciar e enxergar o que normalmente não enxergávamos pela “pressa da vida”. O objetivo principal

era ouvir e filmar as pessoas que utilizavam o VLT do Cariri como forma de transporte, passeio ou diversão. Em dois dias, conversamos com algumas pessoas, ouvimos histórias de momentos de suas vidas, e apreciamos cada minuto. As marcas de expressão nos rostos, os sorrisos largos, a fluidez natural de um diálogo simples, comum. A partir deste trabalho, surgiu o meu interesse pela produção de um produto para o TCC.

3. METODOLOGIA: ETAPAS DE REALIZAÇÃO

O meu documentário é uma produção audiovisual caracterizada por um olhar de empatia e sororidade em relação às mães e às mulheres. Cinco personagens vão responder cerca de sete perguntas. Cada uma delas vai estar em suas residências ou em locais que façam-nas se sentirem seguras e confortáveis. Essas perguntas vão ser reflexivas, questionamentos sobre a forma como elas enxergam certas perspectivas voltadas à maternidade, rede de apoio, vida após o primeiro filho, e como manter ou reinventar sua “mulher interior”. O produto experimental que desenvolvi como trabalho de conclusão de curso foi realizado a partir das metodologias próprias da produção documental. Entre as principais etapas desse processo estão a pesquisa por informações que possam agregar ao resultado final, a busca por fontes e os primeiros encontros com as fontes selecionadas para as gravações. Essas etapas serão decisivas para registrar a confirmação do seguimento da estratégia e roteiro idealizados.

A escolha pelo documentário, em vez de uma grande reportagem, veio de um interesse em apresentar “dados vivos”: não apenas números, mas mulheres que representam o que, e quem, está por trás deles. Além disso, o formato escolhido também permite que as personagens tenham mais espaços de fala, assim como o protagonismo do trabalho. A experiência de vida também se configura como uma forma de coleta de dados e, dessa forma, as fontes não são apenas protagonistas de suas próprias histórias, mas também responsáveis pela apresentação detalhada e sensível de fatos reais.

Para produzir esse trabalho, que terá cerca de 20 minutos, utilizei a câmera do telefone celular, modelo Xiaomi - Poco X7PRO. E para captação de áudio, será utilizada uma lapela que fica diretamente conectada ao dispositivo, modelo com microfone redondo profissional de lapela, sem fio wireless, tipo c, duplo magnético para android. Além desses equipamentos, também será utilizado um tripé, modelo simples adequado para encaixe de celular. A luz utilizada será natural, e os ambientes de gravação serão escolhidos de forma baseada nesse critério também, sempre, durante a manhã ou tarde, para otimizar a captação. Para a edição e montagem, vou ter a colaboração do Allison José Soares Gomes. Bacharel em jornalismo pela UFCA, especialista em cinema e vídeo pelo Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. A participação dele na edição vai ser de suma importância para um bom resultado final.

3.1 Pesquisa

A pesquisa teve início a partir de buscas por livros, artigos, documentários e filmes que abordassem a maternidade de uma forma menos romantizada. Esse interesse foi pessoal, e veio através de minhas próprias experiências enquanto mãe. Em meio a rotina, pude notar que nenhuma experiência é individual quando o assunto é maternidade. E em um dia comum de sobrecarga rotineira, pensei no quanto a vida muda após a chegada de um filho, e na grande maioria dos casos, não temos a mínima ideia do que está por vir. Além das obras que destaquei no início do trabalho, destaco um filme que me fez refletir bem sobre a vida de uma mulher que se transforma em mãe: “Como seria se...” é um filme dirigido por Wanuri Kahiu, disponível na Netflix . O título é sugestivo. A obra mostra a vida de uma garota a partir do momento em que ela suspeita de uma gravidez. A partir de então, duas vidas são apresentadas ao longo do filme. Duas perspectivas, dois cenários: Em um deles, o resultado do teste de gravidez dá negativo, e no outro, positivo. Cada resultado leva sua vida a caminhos diferentes, inesperados, cada cenário com seus desafios. O filme faz uma mãe facilmente pensar o que faria se estivesse no lugar da protagonista. E assim como ela, o trabalho que escrevo neste momento prova por si que, sim, a maternidade moldou parte de minha estrada.

3.2 Pré-produção

A pré-produção foi uma parte extremamente necessária para fazer uma seleção e divisão de fontes que seriam utilizadas como base para a escrita do trabalho e para a gravação do documentário. Fiz buscas por personagens e pessoas que se encaixam de alguma forma nas pré-definições que havia planejado. Critérios como ser mãe, mulher, e se destacar de alguma forma, seja através de suas narrativas, trabalhos, ou características que pudessem agregar a proposta de trabalho. Pedi indicações a conhecidos, e observei mais atentamente ao meu redor. Após essa primeira fase, me aprofundi um pouco mais na vida de cada uma através das redes sociais. Apurei informações como trabalho, cidade, núcleo familiar, e características mais pessoais de cada fonte. O primeiro contato com cada fonte foi agendado por meio do contato direto nas redes sociais, expliquei detalhes sobre o trabalho e pedi um momento específico para que eu pudesse mostrar a forma que cada uma participaria, e claro, se elas aceitassem, já agendamos o dia da gravação.

Essa abordagem me permitiu criar um vínculo com todas as mulheres com quem conversei. Um espaço de confiança e respeito, que foi consequência da forma calma, atenciosa e organizada com que os primeiros diálogos e encontros aconteceram. Busquei seguir uma metodologia semelhante ao que o jornalista Daniel Samper Pizzano, chama de sondagem inicial, a pré-investigação em que o repórter procura fontes de menor importância, com as quais se mantém relação de confiança, para entender um conceito técnico de base, informações iniciais entre um e outro personagem, até enfim, ter o conhecimento e fontes que almejava inicialmente. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Jacques Mouriquand (1997) afirma que procurar primeiro a fonte mais importante e melhor informada implica o risco de abordá-la sem o conhecimento necessário para conduzir adequadamente a investigação.

Após a organização e agendamento de entrevistas e confirmação de detalhes como local, dia, horário e lista de equipamentos necessários, elaborei 7 perguntas que seriam a base das gravações. Cada pergunta, com o objetivo de instigar, relacionar e enxergar de forma mais precisa tudo o que cada mãe/mulher deseja transparecer através das respostas.

Lista de perguntas para entrevistas

1. Quem explica a maternidade?
2. Na sua opinião, quais são os principais desafios e mudanças para a mulher que vivencia a maternidade?
3. Você acredita que para o homem, para a figura paterna, os desafios são iguais?
4. Existe um jeito certo de maternar?
5. É possível conciliar a maternidade, trabalho e outras atividades que são realizadas todos os dias?
6. Se você pudesse falar com sua versão antes da chegada de seu filho, o que diria para si?
7. Existe limite para o amor de uma mãe?

3.3 Produção

A produção durou cerca de 4 semanas devido à incompatibilidade de agendas das fontes. Sem dúvidas, esse foi um dos principais desafios enfrentados durante o processo. No entanto, essa situação já era não apenas esperada, como também compreensível, uma vez que as participantes, enquanto objeto central deste estudo, demonstraram viver exatamente a realidade discutida ao longo do trabalho: uma rotina agitada, marcada por prioridades

imediatas constantes e agendas cheias. Por meio das redes sociais, os encontros foram organizados e agendados, sendo o WhatsApp e o Instagram as principais formas de contato antes de cada gravação. Nos dias de gravação, reorganizei minha agenda e dediquei aproximadamente uma hora para a realização de cada entrevista. Finalizadas às entrevistas, informei a cada fonte mais detalhes sobre o dia de apresentação e o trabalho como um todo.

3.4 Pós-produção

Toda a pós-produção foi acompanhada pela minha orientadora e pelo coorientador, que também atuou como editor do documentário. Em aproximadamente 15 dias, foram realizados três encontros destinados à edição e ao aperfeiçoamento do roteiro, etapa em que o trabalho foi modificado e finalizado. As reuniões e a edição foram feitas no laboratório de telejornalismo da UFCA e aconteceram sempre durante a tarde e/ou noite. Após a conclusão desse processo, restou apenas concluir o projeto escrito e resolver questões administrativas, como o envio de convites para a banca avaliadora e a organização da documentação necessária para a colação de grau.

4. DIÁRIO DE CAMPO

4.1 Atividades desenvolvidas

Os primeiros dias que marcaram o início do semestre foram direcionados à organização e ao preenchimento de documentos, bem como ao planejamento das primeiras orientações. A primeira orientação foi realizada de forma presencial, em uma quinta-feira, dia 27 de novembro de 2025. Nesse encontro, foram discutidas as primeiras possibilidades relacionadas à ideia inicial do projeto de conclusão de curso. Desde então, foram realizados mais três encontros, em outras três quintas-feiras, com o objetivo de discutir ideias, realizar correções no projeto escrito e indicar novas orientações para as próximas etapas a serem executadas. As reuniões com a professora Lígia têm sido de grande valor para o desenvolvimento e o aprimoramento do trabalho.



Figura 7 - Orientação de TCC na UFCA em 18/12/2025

Fonte: Elaborada pela autora (2025)

Alguns dias passaram desde a última reunião. Nesse espaço de tempo, comecei a buscar possíveis fontes e mulheres com realidades distintas. O processo de busca foi um pouco mais complicado do que eu esperava! A maioria das pessoas estavam ocupadas com os preparativos para os festejos de fim de ano, viagens e organização das últimas pendências do ano. Conversei com algumas mulheres sobre o documentário, ainda de um jeito informal. Em

6 de janeiro, enviei mensagem para três mulheres, que, em primeiro momento, me parecem “promissoras” no que desrespeito à agregação ao trabalho. E, para minha alegria, uma delas respondeu quase que imediatamente.

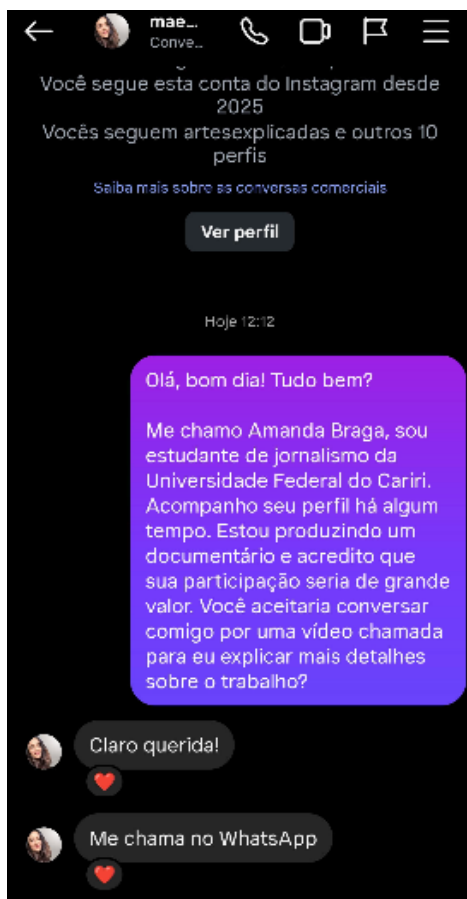


Figura 8 - Print do primeiro contato online com a Raíssa em 06/01/2026

Fonte: Elaborada pela autora (2026)

Marcamos a reunião para o dia 09 de janeiro, às 15h. Nosso primeiro encontro foi virtual! Minha primeira fonte é a Raissa Arruda. Ela reside em Campina Grande, é casada, tem uma filha de 4 anos chamada Emma, e trabalha como mentora de profissionais do nicho de maternidade. Além de suas experiências diárias com a maternidade, ela atua diretamente com mães e mulheres que encontram no direcionamento dela formas de se destacar no mercado de trabalho. A reunião durou cerca de 30 minutos. Apresentei a ela as propostas e ideias iniciais do meu trabalho de conclusão de curso e já deixamos agendada a nossa próxima reunião, momento em que faríamos a gravação da primeira apresentação sonora do documentário.

Imprevistos acontecem e, infelizmente, eu não poderia imaginar o que me aguardava na semana seguinte. Nossa próxima reunião estava marcada para o dia 16 de janeiro. Nesse dia,

nos encontraríamos de forma virtual para realizar as primeiras captações do documentário. No entanto, no dia 11 de janeiro, um domingo, minha filha ficou doente. Tomei conhecimento da situação já tarde da noite, por volta das 22h, horário em que ela foi encaminhada ao hospital, onde acabou sendo internada.

Na manhã seguinte, acordei com a cabeça conturbada. Fui ao trabalho, mas estava extremamente desanimada, desestimulada e preocupada com ela. Assim que saí do trabalho, não pensei duas vezes: peguei a primeira topique e fui direto para Iguatu, cidade onde ela estava, aproveitando os dias de férias com meus familiares. Permaneci com ela no hospital e decidi não sair mais. Segui meu instinto materno e coloquei todas as outras demandas em segundo plano. Precisei desmarcar a reunião, pois ela não recebeu alta a tempo. A alta hospitalar ocorreu apenas na semana seguinte, no dia 19 de janeiro, segunda-feira. Nesse mesmo dia, retornei imediatamente a Juazeiro do Norte, após ter desmarcado não apenas nossa reunião, mas também minha orientação com a professora Lígia, que seria retomada após o recesso.



Figura 9 - Registro feito no hospital durante a internação da Lua em 12/01/2026

Fonte: Elaborada pela autora (2026)

Com o retorno a Juazeiro do Norte e à rotina habitual, ainda havia pendências a resolver. Entre o trabalho diário e as tarefas de casa, eu precisava falar com Raíssa para definir a nova data da entrevista online, além de tentar um primeiro contato com outras mulheres. Tanto Raíssa quanto as outras duas possíveis fontes estavam com a agenda cheia naquela semana.

Por isso, todas as conversas e gravações ficaram para a semana seguinte, mais precisamente para os dias 29,30 e 31 de janeiro. Datas que me levaram à beira da loucura por parecer que tudo avançava em câmera lenta. Nesse período que antecedeu as entrevistas, me dediquei a finalizar a primeira base de roteiro e elaborei as primeiras perguntas que seriam feitas para as entrevistadas.

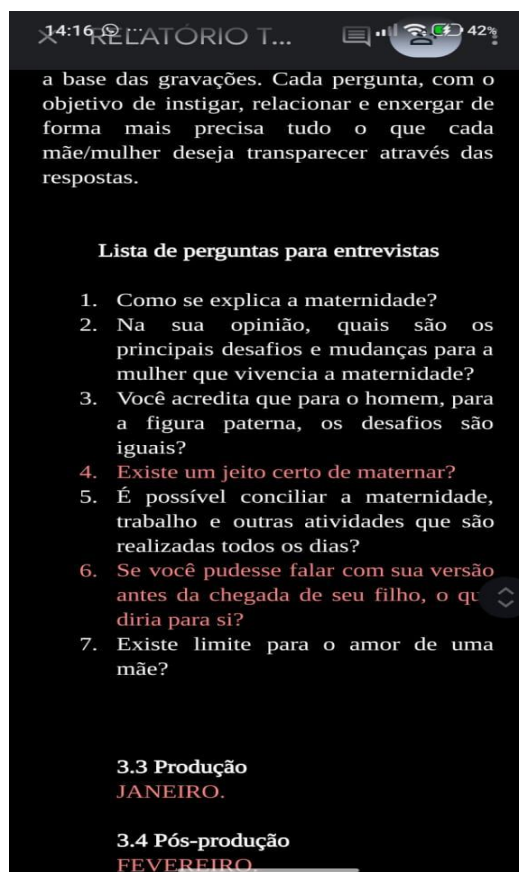


Figura 10 - Primeiras perguntas elaboradas para entrevistas em 19/01/2026

Fonte: Elaborada pela autora (2026)

Consegui um retorno inesperado de uma das mães que mais conquistou minha admiração: Stephanie Araújo. Ela é mãe de 7 filhos. Minha orientadora me apresentou ao perfil dela e a sugeriu como uma possível fonte. Fiquei animadíssima com a ideia. Sempre tive certeza de que seria de muito valor sua participação no documentário e, mesmo que algo desse errado, eu poderia pelo menos aprender sobre como lidar melhor com a maternidade. Conversei com a Stephanie através do Instagram, depois pelo WhatsApp. Ela pediu que nos encontrássemos de forma presencial para saber mais sobre o trabalho. Achei coerente, levando em consideração o quão pessoais e íntimas as entrevistas são. Nos encontramos em Barbalha, em uma lanchonete aconchegante

chamada Padoca do Petrúcio. Cheguei uma hora antes, e ela atrasou cerca de 30 minutos. Essa foi a primeira reunião com uma possível fonte, sem dúvidas um encontro promissor. Expliquei tudo sobre o documentário, e ela explicou muitas coisas sobre os caminhos que a levaram à vida que tem hoje. Fiquei extasiada em conhecê-la. Nossa conversa durou quase 2 horas, com alguns lanchinhos entre uma palavra e outra. Ela aceitou e pediu um tempo para ajustar a rotina e fazer a entrevista na sua própria casa. Enfim, minha segunda fonte confirmada.



Figura 11 - Fotografia feita após a entrevista com Stephanie Araújo em 22/01/2026

Fonte: Elaborada pela autora (2026)

Uma semana passou e chegou, enfim, o dia da minha primeira entrevista. A primeira entrevistada foi a Valéria. Ela é jornalista, trabalha como assessora de imprensa e, claro, é mãe. Conversei com ela por chamada pouco tempo depois que retornei para Juazeiro do Norte, e logo de primeira ela aceitou o convite. O nosso encontro aconteceu no Cariri Shopping, na praça de alimentação. Escolhemos esse local porque, enquanto nós fazíamos a gravação, a filha dela poderia ir brincar nos brinquedos do Play Toy de lá, acompanhada de seu esposo e sobrinhos. Montei os equipamentos, procurei um espaço em que muitas crianças transitavam para ter esse plano de fundo associado à infância. Cheguei com 1h de

antecedência, a fonte atrasou mais 30. Eu estava realmente muito ansiosa, mas, no fim, tudo correu bem. Tive alguns imprevistos, coisas que serviram como aprendizado nesse processo. A principal delas foi: nunca se esqueça de colocar o celular que está gravando a entrevista no modo avião. Brincadeiras à parte, não errei mais nenhuma vez nas entrevistas seguintes, e acho que o aprendizado prático foi válido.



Figura 12 - Encontro da Valéria Alves após a entrevista em 29/01/2026

Fonte: Elaborada pela autora (2026)

No dia seguinte, aconteceu a segunda entrevista, em um formato diferente. Dessa vez, a conversa foi em uma chamada via Meet, com a Raissa, carinhosamente conhecida como “mãe do conteúdo”, graças ao nome do seu perfil de trabalho de mentoria para mulheres que trabalham para o nicho materno. Estava tudo pronto 1 hora antes da entrevista, pelo visto tenho algumas questões com ansiedade. Ela foi extremamente pontual, então, logo que demos início à chamada, eu avisei que iria começar a gravação e, com a permissão dela, comecei a entrevista. Talvez, por ser jornalista e mentora, a Raissa tenha uma comunicação mais direta, então as respostas dela eram mais curtas e precisas do que as das outras mães com quem eu havia conversado. Ela explicou mais sobre seu ponto de vista sobre a maternidade e respondeu a todas as perguntas. Fiz a gravação pelo computador do meu namorado, e a qualidade de áudio e imagem foi satisfatória. Tirei um print pelo celular como registro da chamada. Deu tudo certo!

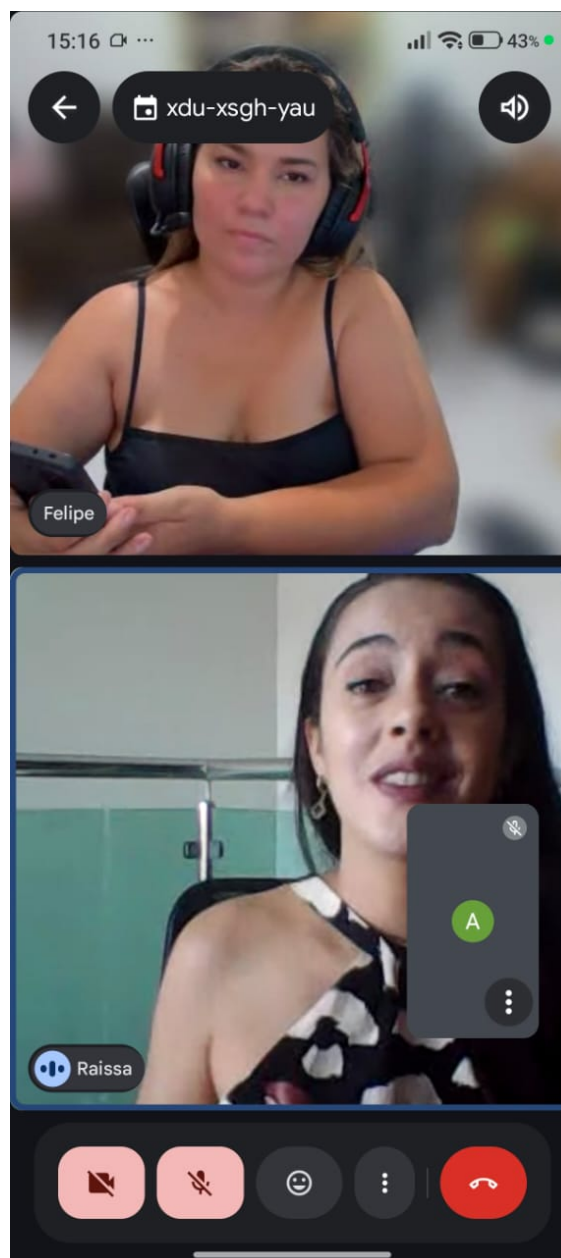


Figura 13 - Entrevista por videoconferência via Google Meet em 30/01/2026

Fonte: Elaborada pela autora (2026)

A terceira entrevista deveria acontecer no dia seguinte, sábado. Ela seria em Iguatu, cidade que fica a algumas horas de Juazeiro do Norte, porém fui escalada de última hora no trabalho para acompanhar a chegada de Ciro Gomes na cidade.



Figura 14 - Registro feito durante o plantão de trabalho extra em 31/01/2026

Fonte: Elaborada pela autora (2026)

Havia comprado uma passagem para o horário das 13h, no sábado, mas, como não é de se surpreender, o evento atrasou e tive que remarcar. O novo horário de partida era às 19h, com chegada prevista para 23h. Cheguei exausta e dormi como se o mundo caísse sobre mim. Acordei no domingo logo cedo, às 5h, para organizar as coisas da entrevista e arrumar minha filha, que iria me acompanhar. Ela permaneceu em Iguatu após a recuperação no hospital. A minha 3ª entrevistada foi minha mãe. Pensei não só 10 vezes, mas 10x10, antes de convidar minha mãe para participar do trabalho.

Não por não achar que ela fosse agregar ao trabalho. Muito pelo contrário, ela é uma das mães mais incríveis que já conheci. Porém, tive receio de que não pudéssemos separar bem as coisas. Então, antes de dar início à gravação, tivemos uma conversa em que ressalttei mais uma vez que, naquele momento, eu estava lá como uma jornalista e que não haveria julgamentos, represálias ou quaisquer coisas que pudessem, de alguma forma, levar nossa relação pessoal para o trabalho de uma forma negativa. Nós gravamos na área que fica na entrada da casa dela. Tranquei a porta para afastar meus sobrinhos e minha filha, curiosos para assistir. E, assim, demos início à gravação. Foi emocionante e tão enriquecedor para o documentário quanto eu imaginava.



Figura 15 - Registro feito no Iguatu durante entrevista com 3º fonte em 01/02/2026

Fonte: Elaborada pela autora (2026)

Aproveitei o resto do dia para fazer imagens de apoio. Meus sobrinhos e minha filha foram às cobaias. E, na noite de domingo, depois de um atraso de 2 horas do ônibus, voltei para Juazeiro do Norte, acompanhada da Lua.



Figura 16 - Print de um Story de Lua e eu na rodoviária de Iguatu em 01/02/2026

Fonte: Elaborada pela autora (2026)

Nos dias seguintes, organizei pequenos detalhes que também são importantes. Enviei os convites para as professoras que provavelmente vão compor minha banca de avaliação, atualizei o diário de campo, fiz registros e imagens de apoio, enviei o documento que permite

o uso de som e imagem para as fontes, solicitei a participação do editor Allison Gomes como meu coorientador e dei início à decupagem das gravações já feitas. Fiz o convite à minha última fonte. Ela se chama Helena. Agendamos uma reunião para sexta-feira, 13/02, para que eu pudesse explicar os detalhes do trabalho e, assim, fechar oficialmente o número previsto inicialmente de cinco mães. Também recebi, enfim, o retorno da Stephanie, mãe de 7, sobre a data da nossa gravação. Ficou marcada para o dia 14/02, sábado posterior ao dia da minha penúltima orientação, antes de dar início à edição.

Imagem 17: Entrevista com Stephanie Araújo na quarta-feira de cinzas em 18/02/26



Figura 17 - Entrevista com Stephanie Araújo na quarta-feira de cinzas em 18/02/26

Fonte: Elaborada pela autora (2026)

A reunião com Stephanie seria presencial, na casa dela, em um sítio que fica entre Barbalha e Brejo Santo. Por isso, pedi a um querido amigo, Gabriel Silva, que me acompanhasse nas gravações. Ele é jornalista e poderia me auxiliar também com a captação das imagens de apoio. Porém, um dia antes da data marcada, recebi uma mensagem de Stephanie informando que não poderia conceder a entrevista devido a imprevistos no trabalho. Ela pediu que a data fosse adiada para o dia 1º de fevereiro, quarta-feira de cinzas. E assim foi feito.



Figura 18 - Pós entrevista colhendo os frutos no sítio da 4º fonte em 18/02/26

Fonte: Elaborada pela autora (2026)

Chegamos à residência dela por volta das 10 horas. Nesse dia específico, nosso encontro foi mais acelerado do que eu esperava. Ela estava recebendo familiares em casa, e a profissional que auxiliava na organização da casa havia deixado o trabalho há poucos dias. Stephanie estava cansada e, por isso, tentei ser o mais breve possível para não atrapalhar a rotina da família.



Figura 19 - Helena na Praça da Sé, no Crato, em 19/02/2026

Fonte: Elaborada pela autora (2026)

Helena e eu tivemos uma rápida reunião via Meet após alguns dias do nosso primeiro contato, ainda de forma online. A entrevista presencial ficou agendada para o dia 19 de fevereiro, quinta-feira, após o feriado da Quarta-feira de Cinzas. Nos encontramos em uma pequena cafeteria localizada em frente à Praça da Sé, em Crato. Escolhi a praça por ser um espaço aberto, o que contribuiria para a luz na imagem das gravações. Tomei essa decisão após algumas observações nas entrevistas anteriores. Helena foi extremamente gentil, pontual e aberta em cada momento. Ela foi minha última fonte e, com certeza, as experiências adquiridas, com erros e acertos nas gravações feitas até então, foram de grande valor para o resultado final.

Amei o local, a imagem, o som e a dinâmica para dar início às gravações com ela. E assim, a captação de sonoras foi oficialmente encerrada. Solicitei imagens de apoio às cinco fontes e enviei o documento que permite o uso de som e imagem para que elas assinassem. Organizei tudo em pastas no Drive e, no dia 20 de fevereiro, um dia após a entrevista com Helena, foi dada a largada para a edição do documentário. Nesse mesmo dia, minha orientadora, Lígia Coeli, fez a correção da primeira parte da segunda versão do roteiro, e o editor e coorientador Allison Gomes se reuniu comigo pouco tempo depois para começar os recortes.



Figura 20 - Primeiro dia de edição do documentário em 20/02/2026

Fonte: Elaborada pela autora (2026)

4.2 Mudanças no roteiro

As mudanças no roteiro surgiram de forma bastante instintiva. Após cada etapa de edição, fomos percebendo elementos que poderiam fluir melhor do que o planejado inicialmente. Um exemplo disso foi o número excessivo de telas pretas utilizadas nas transições. Elas foram substituídas por vídeos e sobreposições de áudio, tornando a narrativa mais dinâmica e fluida. A primeira versão do roteiro foi elaborada antes da gravação das entrevistas e serviu como base para orientar o que seria realizado durante a produção. A segunda versão foi desenvolvida a partir de uma decupagem que buscava atender às ideias iniciais propostas para o trabalho. Já a terceira e última versão do roteiro foi construída a partir de correções e observações feitas pelos orientadores.

Nessa etapa, busquei conectar as falas das entrevistadas por meio de palavras repetidas ou de sentidos semelhantes, de forma a interligá-las de maneira mais natural e clara. Essa mudança teve como objetivo tornar o sentido do documentário compreensível para todos os espectadores, e não apenas para aqueles que leram o trabalho escrito ou participaram do processo de produção. Também foram feitas adaptações, com novas inserções de imagens e vídeos em espaços que demandam um “respiro” entre as falas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender e representar diferentes experiências da maternidade por meio da produção de um documentário que reúne relatos de cinco mulheres com trajetórias distintas. A partir das narrativas apresentadas pelas próprias protagonistas, Helena Mendes, Lidiane Alves, Raíssa Arruda, Valéria Alves e Stephanie Araújo, foi possível observar como a maternidade atravessa diferentes aspectos da vida feminina, influenciando rotinas, escolhas pessoais e trajetórias profissionais. A produção do documentário permitiu não apenas registrar essas experiências, mas também dar espaço para que fossem ouvidas às vozes das mulheres que vivenciam diariamente essas transformações. Nesse sentido, o trabalho cumpre seu papel jornalístico ao apresentar narrativas reais, construídas a partir da escuta sensível, com respeito e empatia às histórias de cada participante. Além disso, o documentário, como um produto jornalístico, apresenta uma discussão sobre a relação profissional e a maternidade. Uma temática cada vez mais atual e que no universo masculino se apresenta sendo menos problemática.

Além disso, o processo de produção contribuiu para mostrar parte da complexidade da maternidade e sobre os desafios enfrentados pelas mulheres na sociedade contemporânea: A desigualdade social e salarial, os preconceitos diários — como o machismo e a misoginia — e a falta de suporte parental e governamental são fatores que impactam diretamente a vida das mulheres. Durante a realização do projeto, também foram enfrentados desafios práticos, como a conciliação de agendas para a realização das entrevistas, equilíbrio entre apuração, gravação, entrevistas e escrita, etapas que antecederam a edição e construção do documentário. Essas dificuldades fizeram parte do processo de aprendizagem e contribuíram para o meu amadurecimento profissional e acadêmico.

Por fim, é esperado que este trabalho contribua para ampliar o debate sobre maternidade, trabalho e os múltiplos papéis exercidos pelas mulheres na sociedade. Mais do que apresentar histórias individuais, o documentário busca representar tantas outras mulheres que compartilham sentimentos e desafios semelhantes. Então, além de cumprir um objetivo acadêmico, este projeto também homenageia as mães e reconhece a importância de suas histórias e vivências, reafirmando que suas experiências merecem ser ouvidas, registradas e valorizadas.

REFERÊNCIAS

DARC, Erivana. **A mãe... Sou eu!** Janelas de Vidas em Transformação. Juazeiro do Norte: [s.n.], 2023. Obra independente.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa:** mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2023.

KAHIU, Wanuri (dir.). **Como seria se...?** Estados Unidos: Netflix, 2022. 1 filme (111 min).

LOPES, Marcela Ferreira; SANTOS, Márdel Pereira dos. **Escritas de si em narrativas audiovisuais:** o documentário Muito além da visão. Literatura e Autoritarismo, 2017.

MELO, Caroline Balduci de. **Odeio a maternidade, amo meu filho.** Documentário. 2017. Disponível em: <https://mellocarol18.wixsite.com/amomeufilho/sobre-o-documentario>. Acesso em: 14 mar. 2026.

SANTOS, Ana Carolina. **Desafios ao conciliar maternidade e carreira** - documentário TCC. YouTube, 17 nov. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y5zNTNoHdi4>. Acesso em: 14 mar. 2026.

SIBILIA, Paula. **O show do eu:** a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016. Publicado originalmente em 2008.

TEMER, Ana Carolina. MORAIS, Ana Maria. **Telejornalistas mulheres e as desigualdades de gênero.** In: SANTOS, M.; TEMER, A. C. R. P. Mulheres no jornalismo: práticas profissionais e emancipação social. São Paulo: Cásper Líbero, 2018

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário:** da pré-produção à pós-produção. Campinas: Papyrus, 2022.

WITZEL, Denise Gabriel. **Coragem de “mães arrependidas” se narrarem na web:** discursos e práticas de liberdade. Heterotópica, v. 7; n. 1, jan.-jun. 2025. ISSN: 2674-7502.

APÊNDICE A – Primeira versão do roteiro do filme

AMOR MATERNAL: A FORÇA INVISÍVEL POR TRÁS DE CADA MULHER-MÃE

**Escrito e dirigido por
Amanda Braga**

Sequência 1

Inicia com a tela preta. A tela fica completamente preta por 1 segundo. Depois, surgem imagens, registros das mães, desde a gestação, até o puerpério. Enquanto as imagens preenchem a tela (cerca de 15 fotos), ouvimos uma sonora curta e emocionante de cada mulher entrevistada para o documentário. Em cada frase, a resposta de cada uma para uma mesma pergunta. Após a última frase, encerra a abertura com um fade-out devagar.

Sequência 2

Ainda com a tela preta, começa o sobe áudio, com vozes e sons comuns, da rotina da primeira mulher entrevistada. Sons de atividades cotidianas, como uma conversa com o filho (a), o barulho da louça lavada ou de um profundo suspiro. Depois, com corte seco, surge a primeira fonte. Ela começa a falar sobre o amor maternal, e a força que é necessária para se tornar realmente mãe. Após sua fala, surge a transição para a 2º fonte.

Seleção de vídeos:

Crianças brincando, dormindo, comendo. Mãe cuidando, abraçando e observando. Registros focados na emoção e expressão facial do momento.

Sequência 3

Início da participação da fonte com L-Cut (primeiro sua voz aparece, depois imagem). Sua primeira fala é explicando o que muda na vida de uma mulher após a maternidade e quais são os principais desafios no dia-a-dia.

Seleção de vídeos:

Imagens e vídeos da fonte antes do primeiro filho(a). Momentos com família de origem, amigos e sozinha, em momentos felizes.

Sequência 4

Fade de áudio inicia com sobe áudio, música cantada na voz da mãe e criança. Imagem estática de mãe e filho(a). A imagem permanece parada por 6 segundos. Depois, tela preta com áudio e fade-in. A terceira mulher fala sobre o julgamento sofrido e falta de rede de apoio. Independente de cenário ou decisão tomada, a forma como a mulher é julgada e criticada traz uma métrica social. Encerra com tela preta com áudio.

Seleção de fotos:

Colocar registros que estejam alinhados com suas falas.

Ex: Uma mulher é julgada pela forma que se veste - roupas - quando se cuida - produção - que dá atenção demais ao filho - ela e criança.

Sequência 5

Corte seco. A 5ª fonte fala sobre a idealização de um mundo melhor. O que deveria mudar nas ações alheias, justiça e perspectivas sociais para que parte dessa sobrecarga pudesse ser melhor distribuída. Ela relaciona essa resposta a sua vida, e como não só a dela, como a de outras mulheres poderiam ser melhores a partir dessas mudanças.

Seleção de fotos:

Rotina trabalhando, se arrumando, sorrindo, e agindo de forma empoderada.

Sequência 6

A música segue suave. A 4ª fonte entra em L-Cut. Sua voz começa antes da imagem. Ela fala sobre descoberta. Sobre perceber forças que não conhecia, sobre aprender a confiar mais em si mesma depois da maternidade.

Quando a imagem aparece, vemos ela em movimento com o filho(a): caminhando, organizando a casa, preparando algo juntos. A fala carrega firmeza, não fragilidade.

A cena termina com um sorriso discreto, não posado.

Seleção de vídeos:

Momentos de troca entre mãe e filho(a), olhares, risos leves, gestos de cuidado.

Sequência 7

Corte seco. A 2ª fonte surge. Ela fala sobre transformação. Não como perda, mas como expansão. Quem ela era antes e quem ela se tornou agora, com mais consciência, mais limites e mais coragem.

As imagens misturam passado e presente. Registros antigos da mulher sozinha e imagens atuais com a criança, mostrando continuidade, não ruptura.

A trilha entra aos poucos, com sensação de crescimento.

Seleção de vídeos: Fotos de arquivo e vídeos atuais em paralelo, criando diálogo entre as fases da vida.

Sequência 8

A 1ª fonte retorna em off. Ela fala sobre o amor que se constrói no dia a dia. Um amor que aprende, que erra, que insiste.

As imagens mostram detalhes do cotidiano: a mãe ajudando a vestir o filho(a), preparando uma refeição, sentando ao lado para brincar.

A trilha se mantém delicada.

Seleção de vídeos: Toques de mãos, planos fechados, rotina afetiva.

Sequência 9

Fade-in da 3ª fonte. Ela fala sobre autonomia. Como a maternidade a fez se posicionar mais, defender escolhas e criar um espaço próprio dentro da nova vida.

Vemos a mãe em movimento: trabalhando, andando na rua, resolvendo coisas, depois voltando para casa e encontrando o filho(a).

A trilha ganha leve força.

Seleção de vídeos: Imagens da mulher em ação, ocupando espaços.

Sequência 10

Tela preta por 2 segundos.

As cinco vozes entram, uma após a outra, respondendo à mesma pergunta:

"Quem explica a maternidade?"

Cada resposta é curta, afirmativa, pessoal.

Enquanto ouvimos, surgem imagens das cinco mulheres em momentos de presença com seus filhos(as).

Sequência 11

A música sobe.

Última imagem: as cinco mães em situações diferentes do cotidiano, intercaladas em cortes rápidos. Nenhuma posa. Todas existem.

Tela preta.

Fade-out de áudio lento.

Quero envolver a história de cada uma no documentário. Porém, senti um pouco de dificuldade nesse primeiro rascunho, justamente por não saber quais narrativas estão por vir. Pensei que se escrevesse mais coisas, poderia acabar limitando o produto.

FIM

APÊNDICE B – Roteiro aprovado

IMAGENS DE APOIO (B-ROLL): imagens, registros das mães, desde a gestação; Crianças brincando, dormindo, comendo; olhares, risos leves, gestos de cuidado; a mãe ajudando a vestir o filho(a), preparando uma refeição, sentando ao lado para brincar. **1)** dobrando as roupas; **2)** Guardando os brinquedos; **3)** Filmar o brinquedo preferido das crianças; **4)** Forrando a cama da criança; **5)** escovas de dente; **6)** sapatos enfileirados; **7)** desenhos na parede; **8)** roupas no varal.

TÍTULO

QUEM explica a maternidade?

Expectativa, realidade e a vida para além do maternar

SEQUÊNCIA 1 – ABERTURA

CENA 1 – CHAMADO

IMAGEM:

Tela preta.

ÁUDIO:

Cinco vozes infantis, sobrepostas, gritando:

“MÃE!”

“MÃÃÃE!”

“Mãe!”

“Mãeee!”

“Mãaaae!”

O som ecoa levemente.

CORTE SECO.

CENA 2 – LIDIANE

IMAGEM:

Lidiane em plano médio, ambiente cotidiano.

ÁUDIO (SONORA – 3:43 a 5:14):

Lidiane fala sobre a vida após o filho.

IMAGENS DE APOIO (B-ROLL):

Rotina da casa

Registros antigos

TRANSIÇÃO

IMAGEM:

Vídeo de Lidiane soprando o fogareiro.
Corte para vídeo da panela de pressão.

ÁUDIO:

Som do sopro da panela.

O áudio sobe levemente e depois diminui gradualmente.

IMAGEM:

Tela preta.

CENA 3 - VALÉRIA

IMAGEM:

Valéria em plano médio.

ÁUDIO (SONORA - 9:00 a 12:00):

Valéria fala sobre o sonho de ser mãe e as abdicações que fez.

IMAGENS DE APOIO:

Valéria com a filha

Momentos de brincadeira

Fotos antigas

TRANSIÇÃO

IMAGEM:

Vídeo de mãe e filha brincando.

A imagem começa a escurecer lentamente.

ÁUDIO:

Som ambiente da brincadeira.
O volume diminui gradualmente.

Fade para preto.

CENA 4 - RAÍSSA

IMAGEM:

Raíssa em plano médio.

ÁUDIO (SONORA):

Trecho 1: 1:04 a 1:57

Trecho 2: 2:13 a 3:55

IMAGENS DE APOIO:

Raíssa com a filha

Vídeos de trabalho

Momentos íntimos e espontâneos

TRANSIÇÃO PADRÃO ENTRE PERSONAGENS

IMAGEM:

Imagens da mãe com a filha (planos afetivos e cotidianos).

ÁUDIO:

Instrumental suave sem direitos autorais.

(Sugestão: piano minimalista ou violão leve.)

Fade para a próxima personagem.

CENA 5 - HELENA

IMAGEM:

Helena em plano médio.

ÁUDIO (SONORA):

Trecho 1: 10:19 a 11:07

Trecho 2: 12:55 a 14:07

IMAGENS DE APOIO:

Helena em momentos com o filho

ENCERRAMENTO DA SEQUÊNCIA 1

IMAGEM:

Planos das crianças em momentos cotidianos.

ÁUDIO:

Instrumental suave.

Fade lento para preto.

SEQUÊNCIA 2 - DESAFIOS

CENA 6 - VALÉRIA

IMAGEM:

Valéria em plano médio.

ÁUDIO (SONORA - 16:04 a 18:45):

Valéria fala sobre os desafios enfrentados na maternidade.

IMAGENS DE APOIO:

Valéria em momentos cotidianos com a filha

Registros que evidenciem sobrecarga e rotina

CENA 7 - RAÍSSA

IMAGEM:

Raíssa em plano médio.

ÁUDIO (SONORA - 10:06 a 11:59):

Raíssa aborda os desafios entre maternidade e trabalho.

IMAGENS DE APOIO:

Raíssa em atividade profissional

Momentos com a filha

CENA 8 - HELENA

IMAGEM:

Helena em plano médio.

ÁUDIO (SONORA - 04:00 a 5:45):

Helena relata dificuldades e conflitos da maternidade.

IMAGENS DE APOIO:

Helena em momentos com o filho

Planos íntimos e cotidianos

CENA 9 - STEPHANIE

IMAGEM:

Stephanie em plano médio.

ÁUDIO (SONORA - 6:12 a 9:00):

Stephanie fala sobre os desafios vividos no contexto familiar.

IMAGENS DE APOIO:

Stephanie com os filhos

Planos de rotina

CENA 10 - LIDIANE

IMAGEM:

Lidiane em plano médio.

ÁUDIO (SONORA - 5:43 a 7:08):

Lidiane compartilha as dificuldades enfrentadas após a maternidade.

IMAGENS DE APOIO:

Rotina da casa

Momentos íntimos com o filho

ENCERRAMENTO DO BLOCO 2

IMAGEM:

Planos intercalados das mães em suas rotinas.

ÁUDIO:

Instrumental suave sem direitos autorais.

A imagem escurece lentamente.

Fade para preto.

SEQUÊNCIA 3 - O AMOR TEM LIMITE?

INÍCIO DO TERCEIRO BLOCO

IMAGEM:

Tela preta.

“Existe limite para o amor de uma mãe?”

CORTE PARA AS PERSONAGENS INTERCALADAS.

ÁUDIO (SONORAS INTERCALADAS):

Lidiane - trecho correspondente

Valéria - trecho correspondente

Raíssa - trecho correspondente

Helena - trecho correspondente

Stephanie - trecho correspondente

IMAGENS DE APOIO:

Planos afetivos entre mães e filhos

Detalhes de mãos, abraços, risos espontâneos

Planos abertos de convivência familiar

ENCERRAMENTO FINAL

IMAGEM:

SEGUE UMA IMAGEM DE CADA MÃE E SEUS FILHOS. DEPOIS, INICIAM UMA SEQUÊNCIA DE IMAGENS MINHAS COM MINHA FILHA. ELAS SURGEM ENQUANTO OS CRÉDITOS DESCEM. O ÁUDIO É UMA MÚSICA CANTADA PELA VOZ DE UMA MÃE.

Fade para preto.

ÁUDIO:

O áudio permanece por alguns segundos.

Silêncio.

1º bloco - Expectativa e realidade

2º bloco - Desafios

3º bloco - Amor

Ficha técnica

CRÉDITOS:

Direção, Produção e Gravação

Amanda Braga

Orientação

Ligia Rodrigues

Coorientação

Allison Gomes

Montagem

Allison Gomes

Trilha Sonora

Rebecca Abreu - Todo Homem, Zeca Veloso.

Apoio de gravação

Gabriel Silva

Entrevistadas

Raíssa Arruda

Stephanie Araújo

Valéria Alves

Lidiane Alves

Helena Mendes

Apoio Institucional

Universidade Federal do Cariri

Agradecimentos Especiais

Erivana Darc

Joubert Pereira

Renata Linard

Eduilson Batista Braga

Em memória de Cleonice Moreira de Melo Alves

APÊNDICE C – Exemplo de modelo de decupagem

DECUPAGEM COM TIMECODE

DECUPAGEM DE SONORA

ENTREVISTADA: HELENA MENDES

ARQUIVO OBTIDO EM: 19/02/26

TIME CODE	TÓPICO DE INTERESSE	ÁUDIO
<u>VÍDEO</u> <u>01</u> 0:27 até 1:31	QUEM EXPLICA A MATERNIDADE	Início: “O conceito de maternar, como tudo na vida, é muito plural...” Deixa: ”A partir do momento em que a gente tem os nossos filhos.”
1:55 até 3:27	DESAFIOS	Início: “Os desafios são múltiplos também...” Deixa: “... até o nosso último respirar enquanto mãe.”
4:00 até 5:45	É POSSÍVEL CONCILIAR ROTINAS E FUNÇÕES?	Início: “Geralmente, o maternar é tratado dessa forma...” Deixa: “... você em todas as suas pluralidades.”
8:11 até 9:30	DIVIDIR O MATERNAR	Início: “Eu sempre procuro tentar não ter um sentimento egoísta...” Deixa: “... ou ele está com a outra avó, que também é mãe.”
10:19 até 11:07	RECADO PARA HELENA DO PASSADO	Início: “ Eu dizia muito: Eu nunca vou ter filhos...” Deixa: “... você também pode ser uma boa mãe.”

11:43 até 12:23	PARA MÃES E FILHO	Início: “Eu sei e eu compreendo o quanto que nossos filhos são importantes...” Deixa: ... filho, mamãe te ama!”
12:55 até 14:07	MOMENTOS MARCANTES - “MAMÃE”	Início: “O Heitor quando nasce, eu não tinha feito minha transição de gênero...” Deixa: “...eu tenho duas mães.”
14:33 até 15:25	PRECONCEITOS	Início: “ Na verdade, a nossa sociedade é cheia de preconceitos...” Deixa: “...coisas que eu levo para dentro de mim.”
15:45 até 16:03	EXISTE LIMITE PARA O AMOR DE UMA MÃE?	Início: “Eu acho que vou dar uma resposta clichê...” Deixa: “...eu acho que amor de mãe é isso, é sem limites.”

ANEXO
DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que este Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia/Tese/Dissertação), escrito sob minha orientação, está em versão final, de acordo com as solicitações realizadas pela banca examinadora.

Informo também que procedi à revisão final do texto, constatando que atende às especificações das normas da ABNT para apresentação de trabalhos acadêmicos da UFCA, no que diz respeito ao conteúdo e à formatação.

Data e local da assinatura eletrônica